

## filantropia e sociedade

A pandemia de Covid-19 tem estimulado a sociedade brasileira a olhar mais atentamente para as desigualdades históricas do país, tornando as instituições e as pessoas corresponsáveis pelo seu enfrentamento.

O efeito da atuação na resposta emergencial por parte da filantropia contribuiu para ampliar e aprofundar a compreensão de que a resolução de desafios complexos requer visão sistêmica, bem como disposição para produzir respostas articuladas e colaborativas.

É nesse sentido que ganham força debates sobre como ampliar a capacidade da filantropia de produzir mudanças – econômicas, sociais e ambientais – sistêmicas, confrontando e superando os padrões que fazem do Brasil um dos países mais desiguais do planeta.

## DADOS DE CONTEXTO

SEGUNDO O BANCO MUNDIAL, **O BRASIL É O 9º PAÍS MAIS DESIGUAL DO MUNDO** E ANÁLISES REALIZADAS PELO IBGE DEMONSTRAM QUE A **DESIGUALDADE AFETA MAIS A POPULAÇÃO PRETA E PARDA**. O CONTEXTO DOS ÚLTIMOS ANOS, AGRAVADO PELA CRISE GERADA PELA PANDEMIA, VOLTA A PRESSIONAR O AUMENTO DA DESIGUALDADE.



**A POBREZA AUMENTOU 8,3 PONTOS PERCENTUAIS (17,7 MILHOES DE PESSOAS)**

DADOS DA FGV MOSTRARAM QUE, ENTRE AGOSTO DE 2020 E FEVEREIRO DE 2021, **A POBREZA AUMENTOU DE FORMA ALARMANTE NO BRASIL, PASSANDO DE 9,5 MILHÕES (4,5% DA POPULAÇÃO) PARA 27,2 MILHÕES EM FEVEREIRO (12,8% DA POPULAÇÃO)**.

SEGUNDO PESQUISA DA REDE PENSSAN, **19 MILHÕES DE BRASILEIROS PASSARAM FOME EM 2020**, O DOBRO DO QUE FOI REGISTRADO EM 2009, COM RETORNO AO NÍVEL OBSERVADO EM 2004. DOS LARES BRASILEIROS, 55,2% CONVIVERAM COM ALGUM GRAU DE INSEGURANÇA ALIMENTAR NO FINAL DE 2020 E 9,0% VIVENCIARAM INSEGURANÇA ALIMENTAR GRAVE ENTRE SETEMBRO E NOVEMBRO DE 2020.

**19 MILHÕES** PASSARAM FOME EM 2020 DE BRASILEIROS



SEGUNDO O IBGE, **71,5% DA POPULAÇÃO UTILIZA O SUS**. O CONTEXTO EMERGENCIAL EVIDENCIOU A IMPORTÂNCIA DAS POLÍTICAS E DOS SERVIÇOS PÚBLICOS. **É DIFÍCIL IMAGINAR COMO SERIA 2020-2021 SE NÃO HOUVESSE O SUS, REFLEXÃO QUE PODE SER EXPANDIDA PARA OUTRAS ÁREAS.**

## TEMAS E PRIORIDADES PARA OS PRÓXIMOS ANOS

- O foco na redução de desigualdades ganha força e centralidade na filantropia, trazendo consigo a necessidade de concentrar a atenção na busca por equidade racial nas várias dimensões da atuação.
- O combate aos efeitos da pandemia se coloca no centro da atuação da filantropia não apenas em 2021, mas também no longo prazo. Os retrocessos nos direitos e na cobertura de necessidades básicas (alimentação, trabalho, habitação etc.) requerem iniciativas de larga escala.
- Aproximação, diálogo e colaboração entre empresas, organizações da sociedade civil e governos são caminhos para o fortalecimento de iniciativas já existentes.
- Atuar em alianças, articulações e redes e fortalecer iniciativas de filantropia colaborativa é um ponto crítico. Por meio de arranjos colaborativos, podem ser pensadas soluções de curto prazo e emergenciais, bem como respostas a problemas estruturais do país (como trabalho, moradia, educação e saúde).
- O fortalecimento das OSC torna-se essencial em um cenário de recursos escassos, graves problemas e ameaças às liberdades democráticas. Em especial, há carência de destinação de recursos financeiros para as atividades meio das organizações.
- O fortalecimento das dimensões territorial e comunitária requer apoio e colaboração com organizações de base comunitária. Elas são fundamentais para desenvolver e implementar projetos, bem como para fortalecer políticas e serviços públicos nos territórios.
- O reconhecimento do papel das lideranças comunitárias como articuladoras para viabilizar ações também é muito importante. A ampliação da escuta e a criação de espaços multidisciplinares para ler o contexto e as demandas da sociedade é essencial para ampliar a relevância das ações filantrópicas.
- A exposição, o risco e as condições de trabalho das pessoas que estão na linha de frente dos projetos desperta a necessidade de cuidar de quem cuida. Isso significa reconhecer e valorizar, nas mais variadas dimensões, as pessoas que compõem as equipes de trabalho das organizações.
- As OSC devem estar no centro das decisões como planejadoras, não apenas como executoras. Para tanto, é preciso criar processos de fazer junto, sem imposição de agendas. Envolve, portanto, uma mudança de postura e de posicionamento do doador e do investidor social nas relações de parcerias.

- A contribuição para garantir o acesso, capacitar para uso e ampliar a conectividade é primordial, dada a necessidade de acesso à tecnologia.
- A busca de soluções nos mais diversos temas da agenda pública depende também do crescimento do investimento social em pesquisa e ciência.

### PARA SABER MAIS

- ABRAMOVAY, Ricardo. Amazônia: por uma economia do conhecimento da natureza. São Paulo: Elefante, 2020.
  - BANCO MUNDIAL. O Banco Mundial no Brasil.
- FGV Social. A escalada da desigualdade: qual foi o impacto da crise sobre distribuição de renda e pobreza? 2019.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa nacional de saúde 2019. Rio de Janeiro, 2020.
  - IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de Indicadores Sociais: em 2019, proporção de pobres cai para 24,7% e extrema pobreza se mantém em 6,5% da população. 2020.
- MORIN, Edgar. É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus. Rio de Janeiro: Bertrand, 2020.
  - OXFAM. O vírus da desigualdade. 2021.
- PENSSAM – Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar. Inquérito nacional sobre insegurança alimentar no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil. 2021.
  - POLAZ, Karen. Filantropia e investimento social na pandemia: respostas, aprendizados e reflexões sobre o futuro. GIFE, 2021.
  - SAEZ, Erika Sanchez. Filantropia colaborativa. GIFE, 2020.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. O futuro começa agora: da pandemia à utopia. Coimbra: Edições 70, 2020.



CLIQUE NO  
CONTEÚDO PARA  
SABER MAIS